

# Problemas de Assistência

30-1-944

012

Causaram profunda impressão na opinião pública os números tornados públicos pelo Centro de Inquérito Assistencial sobre a pouca seriedade de grande parte dos pedidos feitos em Lisboa para Socorro do Natal.

Do jornal «Novidades», de 16 do corrente mês de Janeiro, transcrevemos o seguinte:

«Ascenderam a 42.328 os pedidos que deram entrada no Centro de Inquérito Assistencial para socorro, os quais exigiam cerca de outras tantas visitas destinadas a averiguar a realidade das situações, de modo a permitir a maior equidade na distribuição dos socorros.

«Segundo as informações prestadas pelo Centro de Inquérito, dos 42.000 pedidos, 16.000 representavam duplicação, na sua maior parte originadas por pedidos feitos por vários membros da mesma família. Além destes, verificaram-se 3.988 pedidos que correspondiam a falsas moradas, 1.511 feitos em nome de pessoas já falecidas e 2.242 respeitantes a famílias cujo nível económico não justificava o direito ao socorro solicitado.

«O apuramento positivo registou nas quarenta e três freguesias da capital cerca de 6.000 famílias absolutamente carecidas de socorro e 23.809 com necessidades dignas de assistência social».

Estes mesmos números foram repetidos e comentados no mesmo brilhante jornal nos dias 17 e 23 do corrente, sem terem sido rectificadas.

Não nos causa impressão, dado o então excessivo e precipitado trabalho do Centro de Inquérito, que haja nestes números uma evidente imprecisão. Com efeito, se procedermos, por eliminação, ao apuramento dos casos de verdadeira necessidade, teremos de concluir que os pedidos entrados ascenderam a cerca de 53 mil, ou as famílias «dignas de assistência social» não excedem o número de 12.000 — o que torna claro um erro de cerca de dez mil nos números fornecidos. Isto salta aos olhos, à primeira vista.

Também não nos deteremos na apreciação da possibilidade de se realizarem cerca de 40.000 inquéritos familiares em tão reduzido espaço de tempo, de forma a se poder fazer fé nos seus resultados. A urgência de resolver o assunto justifica plenamente que se procedesse, não a um inquérito, mas a uma visita passageira e sumária.

Apesar destes senões e da falta de rigor dos números fornecidos, uma coisa é evidente e essa nos interessa: houve fraude na solicitação do socorro, do Natal, e fraude em larga escala. Foi este sempre aliás o grande problema da Assistência em todos os tempos. O Centro de Inquérito Assistencial teve o grande merecimento de demonstrar que é a fraude ainda hoje, entre nós, o principal problema da Assistência. Resolvê-lo de maneira satisfatória seria portanto a grande tarefa dos organismos responsáveis.

A este respeito fizeram-se em França, nos séculos XVI e XVII, interessantíssimas experiências com

os *Bureaux des Pauvres* e os *Bureaux de charité*. Cada localidade ou freguesia tinha o seu centro de assistência que socorria os pobres, obtinha trabalho para os que estavam em condições de dar ainda algum rendimento e procurava resolver todos os casos de necessidade que se apresentassem na área da sua acção caritativa. Estes centros viviam de contribuições voluntárias das pessoas abastadas que possuísem ali propriedades embora residissem noutras localidades. Sempre que estas contribuições voluntárias fossem consideradas diminutas, os *Bureaux* poderiam aplicar-lhes uma taxa suplementar que tinha de ser obrigatoriamente paga. Ordinariamente a esmola particular era desaconselhada, tendo havido até regiões onde foi proibida pela própria autoridade episcopal, para que não se favorecessem a falsa miséria em prejuízo da verdadeira. A grande preocupação era a de socorrer os necessitados da paróquia e só eles. E, como o *Bureau* era constituído pelo Pároco e pelas pessoas mais ilustres da freguesia, com um grupo de damas ao serviço das visitas domiciliárias, tornava-se praticamente impossível obter auxílio fraudulentamente.

A Revolução francesa suprimiu ou laicizou estes *Bureaux*. Deram-lhes no entanto, por natural evolução, lugar a fundação dos modernos Centros Sociais tão desenvolvidos e progressivos em França.

Entre nós, a admirável e nunca por demais louvada instituição das Misericórdias não teve outro fim em vista senão o de procurar socorro eficaz a todas as misérias verdadeiras, combatendo ao mesmo tempo as falsas.

As lições do passado devem guiar o presente e o futuro. No entanto, as condições modernas são tão necessárias para que a Assistência seja, na verdade, uma instituição socialmente útil.

Dois grandes passos se deram já entre nós depois da instituição do Sub-Secretariado da Assistência Social. Foi o primeiro tentar substituir a assistência individualista pela assistência familiar. Foi o segundo suprimir a informação superficial da Junta da Freguesia, pelo inquérito assistencial.

Para não falar senão deste último, bastarão os números acima transcritos para nos dar uma ideia da imensidade do caminho andado.

Verifica-se, com efeito, que a cidade de Lisboa tem cerca de 6.000 famílias em situação de grande miséria, e 23.000 com necessidade de auxílio social. Por mais imprecisos que sejam estes números e sujeitos a correcções, torna-se evidente que são cerca de 120.000 os indivíduos que em Lisboa precisam de assistência.

Antes da existência do centro de Inquérito, era praticamente impossível computar-se, mesmo superficialmente, a extensão do mal. Hoje conhece-se aproximadamente a tarefa a cumprir.

Bem sabemos que não basta conhecer a maior ou menor gravidade da miséria que, oficialmente, foi di-

to precisar de socorro, ficar por aí seria um crime imperdoável. Mas assim como a medicina precisa do diagnóstico das doenças para se poder curar, assim a assistência perderia o seu tempo se não trabalhasse sobre dados concretos e precisos.

O método do inquérito assistencial parece ser portanto imprescindível para a preliminar tarefa de quem pretende resolver satisfatoriamente o problema da assistência.

Os métodos seguidos até aqui não parece bastarem para remédio. A miséria continua sempre na mesma, por maiores que sejam as verbas dispendidas em a socorrer. Poderemos até chegar à conclusão de que miséria gera miséria e que o simples auxílio momentâneo, longe de a atenuar, empobrece a Nação na mesma medida em que for prestado. Quanto maiores forem os auxílios, se outras causas não puxarem em sentido contrário, tanto maior será o empobrecimento colectivo — o que agravará o mal sucessivamente.

Mas isto leva-nos direito às exigências da assistência social, de que falaremos em próximos artigos.

ABEL VARZIM